

Consórcio quer negociar com futuro governo

Luis Turiba

O consórcio Brasmetrô, responsável pelas obras do Metrô de Brasília, já admite a renegociação do empreendimento com o futuro governo do Distrito Federal, mesmo que seja do PT.

“E se no dia 1º de janeiro, o Dr. Cristovam afirmar que não deseja prosseguir a obra?”, disse ontem ao **Correio Braziliense** um dos dirigentes do consórcio, preocupado com a possibilidade de vitória da oposição ao atual governo.

O candidato petista, Cristovam Buarque, garantiu ontem que, se for eleito, concluirá o Metrô. “Deixar esse buraco aí é um crime maior do que tê-lo iniciado”, comentou.

Forte — Fazem parte da Brasmetrô as empresas Camargo Correa, Odebrecht, Andrade Gutierrez, Serveng-Civilsan, Mafersa, Inepar, CMW e TCI de Brasília, esta última responsável pela elaboração de todos os projetos.

O engenheiro da Brasmetrô confirmou a suspensão das obras civis com a dispensa de 2.000 trabalhadores.

“O termo paralisação é muito forte. Melhor seria dizer que está havendo uma adequação do ritmo da obra ao desembolso financeiro”, ponderou.

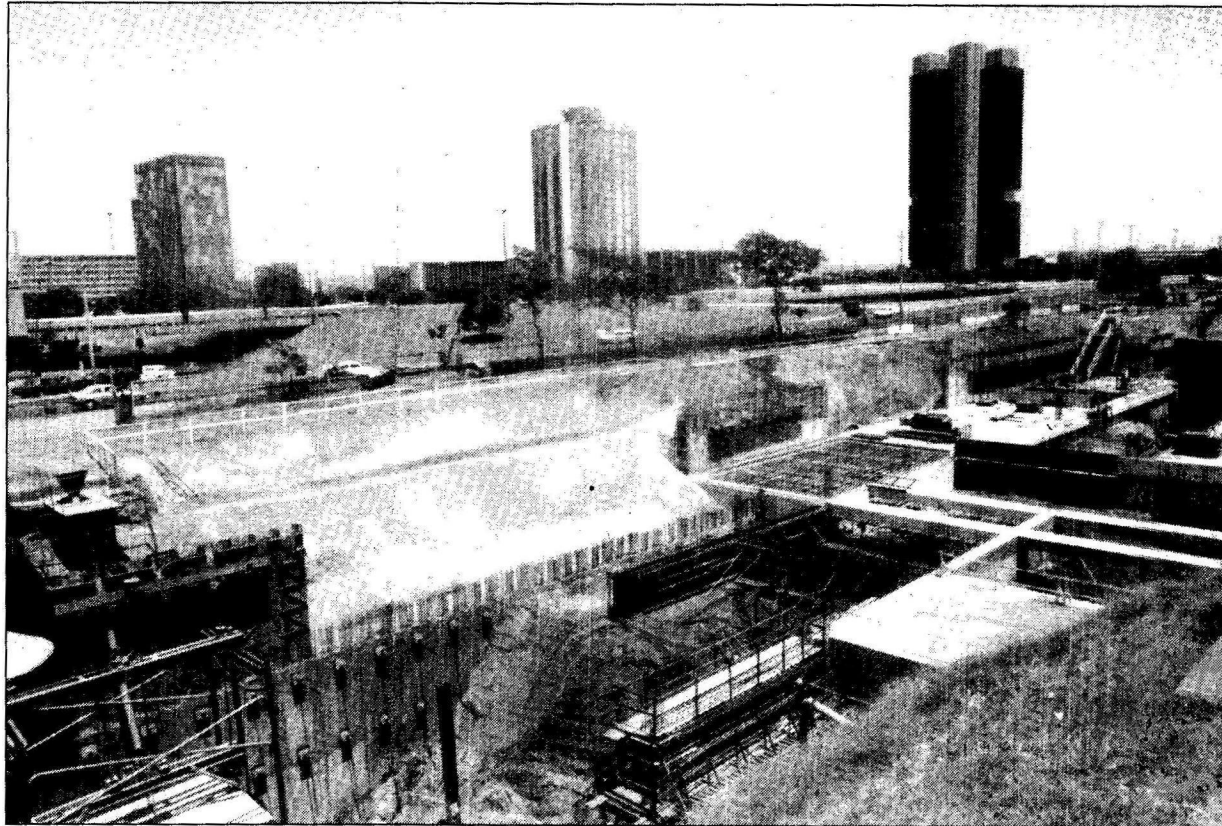
Segundo ele, o consórcio fez um esforço extraordinário para entregar em setembro o trecho Taguatinga-114 Sul. “Tivemos que fazer uma mobilização enorme para fazer o trem correr neste trecho. Agora, o ritmo mudou”, pondera.

Dívida — O dirigente da Brasmetrô afirmou que a dívida do GDF com as empreiteiras é de US\$ 20 milhões e não de US\$ 9 milhões, conforme foi noticiado pelo **Correio**.

“Esta dívida, no entanto, é irrisória diante do empenho do governo Roriz no desembolso dos pagamentos anteriores. Esse governo foi de uma correção memorável”, ressaltou o engenheiro.

Ele admitiu também que o furo financeiro ficou por conta do governo federal. “Diminuímos o ritmo da obra neste momento para evitar que a dívida chegue a US\$ 80 milhões, o que seria um problema para o futuro governo do Distrito Federal”, explicou.

Adauto Cruz



Segundo as empreiteiras, as obras estão sendo “adequadas” ao ritmo do desembolso financeiro

Wanderley Pozzobom



Demitido pela CR Almeida, João Evangelista está vivendo de “bico”

GDF insiste que obras não pararam

O coordenador especial de obras do metrô, José Gaspar Souza, garantiu que as obras não estão totalmente paradas.

“Há problemas com os recursos repassados pela União. Mas não há boicote nenhum das empresas construtoras e o ritmo está normal nesta fase de energização”, explicou.

A dispensa de 2.000 operários pelas construtoras foi explicado por Gaspar Souza como “medida de segurança para evitar acidentes, pois esse trabalho é muito fino e especializado.”

Ele também não admite que a operação comercial do metrô esteja comprometida. Até dezembro ele promete entregar os 28 quilômetros que ligam Taguatinga a 114 Sul.

Mais quatro trens deverão ser entregues pela Mafersa ainda esta semana. A Companhia do Metrô já tem 53 carros e espera chegar a 80 até o fim do ano.

A POLÊMICA ENERGIZAÇÃO

Metrô só opera no próximo ano

Energização é o termo técnico usado para definir o trabalho de fixação do terceiro trilho (o que liga o trem ao sistema de energia). Esse trilho funciona como uma tomada de 750 volts que aciona o motor do trem.

O termo foi usado pelo GDF para explicar a suspensão dos trabalhos de alguns canteiros de obras do metrô.

Mas segundo Valter Cunha, diretor da Inepar, empresa responsável pela energização da obra, energizar não significa paralisar as obras civis. “Às vezes elas precisam ser aceleradas, como é o caso da construção das salas de controle das estações”, explicou.

Também faz parte do processo de energização do metrô o sistema de sinalização e telecomunicações integrado por fibra ótica.

O trabalho de energização do trecho do metrô que liga Taguatinga-114 Sul só será concluído em meados de dezembro, o que inviabiliza a operação comercial dos trens ainda este ano.

Cerca de 120 homens das empresas Inepar, CWM, PEM e da CEB continuam trabalhando em ritmo acelerado. Segundo o engenheiro Valter Cunha, das 17 subestações retificadoras previstas, dez estão prontas.

Demissões e férias coletivas

O armador Odair de Souza Tavares, continua trabalhando no Canteiro Central da Guariroba. Ele se considera “um cara de sorte”. A maioria de seus colegas foi dispensada na quinta-feira pela construtora Moradia.

“Demitiram um bocado de gente e a empresa vai dar férias coletivas para os que ficaram”, explicou. As horas extras também foram cortadas.

Mas os dias de trabalho dispensados serão pagos normalmente a Odair e aos que permaneceram nos quadros da empresa.

Transferência - Outra solução encontrada pelas empresas foi a de transferir pessoal de um canteiro de obras para outro, para não ampliar o número de demissões.

O armador Gilberto Dias foi transferido há dois meses para o

Canteiro Central. “Dizem que falta dinheiro e estão, a cada quinzena, mandando gente embora. Os que ficam, mudam de serviço”, contou.

Já o maranhense João Evangelista dos Santos, teve menos sorte e foi dispensado pela empreiteira CR-Almeida no final de setembro. Ele trabalhava de armador no Canteiro de Taguatinga.

Sem os R\$ 480 mensais que ganhava, teve que mandar a mulher e os filhos de volta para o Maranhão.

Há dois meses desempregado, fazendo bico com um cunhado, ainda não sabe de desiste do sonho de morar em Brasília.

“Eles dizem que não tem mais dinheiro e eu tô sabendo que na segunda-feira mandaram embora mais um tanto”, contou Evangelista.